

**INTERAÇÕES PROFESSOR – ALUNO – CONHECIMENTO: BUSCANDO
CAMINHOS PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS/
BIOLOGIA**

**INTERACTIONS TEACHER - STUDENT - KNOWLEDGE: LOOKING FOR
PATHWAYS FOR TEACHING AND LEARNING OF SCIENCES/BIOLOGY**

Bruno Oliveira Duarte¹, Simone Rocha Salomão²

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP, brunooliveiraduarte@id.uff.br

²Universidade Federal Fluminense, simonesalomao@uol.com.br

RESUMO

Este estudo é parte de uma monografia de Licenciatura em Ciências Biológicas, que reflete sobre as inter-relações entre professor, alunos e conhecimento, bem como as possíveis implicações dessas inter-relações no aprendizado dos estudantes e no aprimoramento docente. Para tal, investiga através de entrevistas com professores de Ciências e Biologia se os mesmos buscam conhecer seus alunos nos âmbitos social e cultural, o sentido que atribuem a esse conhecer e as formas de fazê-lo em sala de aula. São apresentados os resultados finais da pesquisa, articulando os três eixos de discussão que emergiram da análise dos dados, linguagem, relacionamento, aluno/conhecimento, os quais evidenciam a potencialidade das inter-relações para o exercício da docência.

Palavras-chave: Interrelação; Linguagem; Dialogia; Ensino de Biologia e Ciências

ABSTRACT

This work presents part of a monograph of Biological Sciences Degree, which reflects on the interrelationships between teacher, students and knowledge, as well as the possible implications of these interrelationships in student learning and teacher improvement. To this end, it investigates through interviews with Science / Biology teachers if they seek to know their students in the social and cultural spheres, the meaning they attribute to this knowledge, and the ways of doing it in the classroom. The final results of the research are presented, articulating the three axes of discussion that emerged from the data analysis - language, relationship, student / knowledge - which show the potential of the interrelationships for teaching.

Key words: Interrelationship; Language; Dialogue; Teaching of Biology and Science

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte de uma monografia de Licenciatura em Ciências Biológicas, desenvolvida a partir de experiências do primeiro autor como bolsista do PIBID. A pesquisa refletiu sobre as inter-relações entre professor, alunos e conhecimento, como os possíveis reflexos dessas inter-relações no aprendizado dos estudantes e no aprimoramento profissional docente. Para tal, investigou se professores de Ciências/Biologia buscam conhecer seus alunos nos âmbitos social e cultural, o

sentido que atribuem a esse conhecer e as formas de fazê-lo. Destacaremos os resultados finais da pesquisa, articulando os três eixos de discussão que emergiram da análise dos dados.

Apesar de sua importância social, a escola é um lugar paradoxal, pois um dos principais sujeitos envolvidos, os alunos, não fazem questão de estarem ali ou não se dispõem a se apropriarem dos ensinamentos que a escola se propõe a oferecer (CHARLOT, 2000). Embasando esse comportamento dos alunos estaria a distância entre eles e o professor, ou ainda entre eles e aquilo que lhes é apresentado como conteúdo de ensino, dificultando as aprendizagens e empobrecendo a permanência na escola. Devido a inúmeros condicionantes, tal problemática possui uma complexidade maior do que discutiremos aqui. Contudo, entendemos que refletir sobre as relações entre professor e aluno e deste com o aprendizado é importante para se entender aspectos do exercício da docência e da própria identidade do ser professor.

Como base para a reflexão, trazemos dois pensadores cujas obras valorizam o diálogo como elemento primordial à constituição dos sujeitos sociais e, direta ou indiretamente, ajudam a pensar a escola. Vamos nos valer dos ensinamentos de Paulo Freire, que aprecia com a mesma medida professores e alunos, sem descaracterizar suas particularidades e suas respectivas responsabilidades. Também Mikhail Bakhtin, cujos trabalhos na área de linguagem esclarecem a importância e riqueza dos diálogos, contribui para pensarmos os diálogos dentro da sala de aula e embasar esta discussão.

Entendemos que à prática docente e ao exercício do ser professor correspondem algumas ações e peculiaridades. Para tanto, são estas que reforçam as inter-relações entre os sujeitos – professor/aluno – e também sustentam o aprendizado. Assim, a inter-relação é uma via de mão dupla alcançando professores e alunos. Portanto, concordamos e, de fato, fomos inspirados por Paulo Freire ao nos dizer que “*não há docência sem discência*” (FREIRE, 2008, p.21).

Ora, para Freire, se enquanto no meu ser professor meu “*discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto prático, da Teoria*”, não é incongruente tornar como discurso prático a própria experiência ou conhecimento dos educandos. Aqui a terceira palavra do nosso composto *professoralunoaprendizado* se insere e se realiza. Um aprendizado que vai além dos conhecimentos meramente teóricos, os quais privam os alunos de saberem a praticidade de seus conhecimentos, um aprendizado praticado com exemplos de seus dias e seus conhecimentos, em prol de sua apropriação.

Consideramos que os saberes discentes constituem uma importante ferramenta para o professor, que deve ser explorada na construção do ato educativo. Não se trata de adaptar o currículo para o contexto conotativo popular sem aferir a importância dos conhecimentos científicos, mas sim, trabalhar o conhecimento do aluno no próprio conhecimento científico e ainda integrá-lo (o aluno) às ações que lhe possam elucidar a fim de tornar-se um cidadão crítico e responsável, conforme nos propõe Freire (2008, p.30) no tópico “*ensinar exige respeito aos saberes dos educandos*”. Diante disso, as inter-relações *professoralunoaprendizado* configuram importante instrumento em prol do trabalho docente, pois através das inter-relações chegamos às próprias informações trazidas pelos alunos, que podem conter grande diversidade e potencial de trabalho.

A linguagem é um elemento crucial para o ser professor, pois através dela contactamos o educando e somos contactados por ele. Assim, os diálogos ganham sentidos e possibilidades de entendimento que permitem o aprendizado dos educandos e, também, dos professores, já que nos diálogos os conhecimentos de ambos estão tensionados. Bakhtin discute as dinâmicas dialógicas proporcionadas pela linguagem e dois conceitos, alteridade e dialogia, são centrais em seu pensamento.

Segundo Geraldi (2013), Bakhtin entende a alteridade como o espaço da constituição das individualidades, pois precisamos do Outro para nos completar e dar-nos um acabamento, que é sempre provisório. Para Bakhtin as trocas com o Outro têm um papel fundamental para nos constituirmos como sujeitos, pois através de nosso discurso, sempre em diálogo com discursos de Outros, vamos completando nossa visão sobre nós mesmos e nos enxergando como pessoas singulares. Nesse mesmo percurso, vamos contribuindo para a formação do outro. Assim percebemos as implicações do conceito de alteridade nas inter-relações entre os sujeitos na sala de aula, no movimento mútuo de produção de identidades e conhecimentos.

Com relação à dialogia, muitas coisas nos interessam. Segundo Bakhtin, ao emitirmos um enunciado já há nestas palavras elementos que conduzirão a resposta do Outro, o qual queremos ouvir. Também há neste primeiro enunciado, palavras das quais o Outro pode se apropriar e reconduzir a novos enunciados, levando a novos contextos.

Para o autor, “a cada palavra de enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. [...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do

locutor uma *contrapalavra*. (BAKHTIN, 1997, p.132). Assim, vemos que a linguagem e as relações dialógicas nos formam e nos põem em comunicação, e podemos nos apropriar desta reflexão para aplicá-la aos diálogos na sala de aula e para pensarmos as interações discursivas que ocorrem nos processos de ensinar e de aprender.

Também Paulo Freire afirma a importância do diálogo e das possibilidades encontradas na linguagem. Para ele a construção da linguagem ocorre mediante o encontro com o cotidiano, de forma até a anteceder a linguagem escrita, tal como a conhecemos. A este encontro Freire descreve a *palavramundo*, onde esta advém da nossa percepção do mundo ao nosso redor. É nesta percepção de mundo que ocorre o início do aprendizado deste, antes de ser apresentado pelas palavras que o traduzem (FREIRE, 1991). Portanto, identificamos aproximações entre os dois autores, pois comungam propostas que podemos relacionar à inter-relação e suas ricas possibilidades no ato de ser professor, para ser, com o aluno, ativo no processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

Freitas (2003) aponta as entrevistas como importante meio para a produção de dados em investigações qualitativa nas Ciências Sociais e na Educação. Assim, foram feitas entrevistas semiestruturadas, com quatro professores de Ciências/Biologia atuantes no Ensino Médio e Fundamental II, com diferentes tempos de magistério e distintos processos de formação docente. Atribuímos nomes fictícios aos professores. As oito questões presentes no roteiro da entrevista possibilitavam respostas amplas e tratavam acerca de suas visões e experiências a respeito das inter-relações entre professores e alunos, bem como seus entendimentos acerca da contribuição que o fato de conhecer os alunos pode trazer ao professor, podendo ser uma perspectiva para potencializar o planejamento de atividades e as relações dialógicas em sala de aula.

A dinâmica da entrevista pautou-se por intervenções do entrevistador em momentos que este julgasse necessário, com objetivo de esclarecer dúvidas junto aos entrevistados ou permitir-lhes complementações sobre o que fora dito. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. As análises buscaram respostas padronizadas e respostas singulares, relacionadas às experiências particulares e à subjetividade de cada professor.

RESULTADOS

Na pesquisa completa que dá origem a este estudo, foram analisadas separadamente as oito questões trazidas no roteiro da entrevista aos quatro professores.

As falas dos entrevistados mostraram uma riqueza de experiências vivenciadas no exercício da docência e evidenciaram processos de reflexão e as convicções dos mesmos, acerca das formas de inter-relação entre docentes e discentes, a positividade ou negatividade de algumas delas, os investimentos possíveis para intensificá-las, o manejo dos diálogos em sala de aula e a necessidade de consideração dos conhecimentos prévios dos alunos e de esforço para articulá-los nas atividades de ensino. Ao final daquelas análises detalhadas, foi possível sistematizar três eixos de discussão sobre as inter-relações, os quais emergiram da articulação entre os dados e as referências teóricas estabelecidas para a reflexão. Apresentamos a seguir tal sistematização, que corresponde ao nosso empenho em interpretar e atribuir sentidos ao que foi discutido.

A figura 1 forma um esquema pelo qual entendemos a estrutura do complexo -inter-relação, linguagem, relacionamento, *professor-aluno-aprendizado* - amparado nos relatos dos professores, que trouxeram suas experiências e personalidades, assim sendo, formas de pensar, agir, trabalhar e se relacionar com seus alunos em sala de aula.

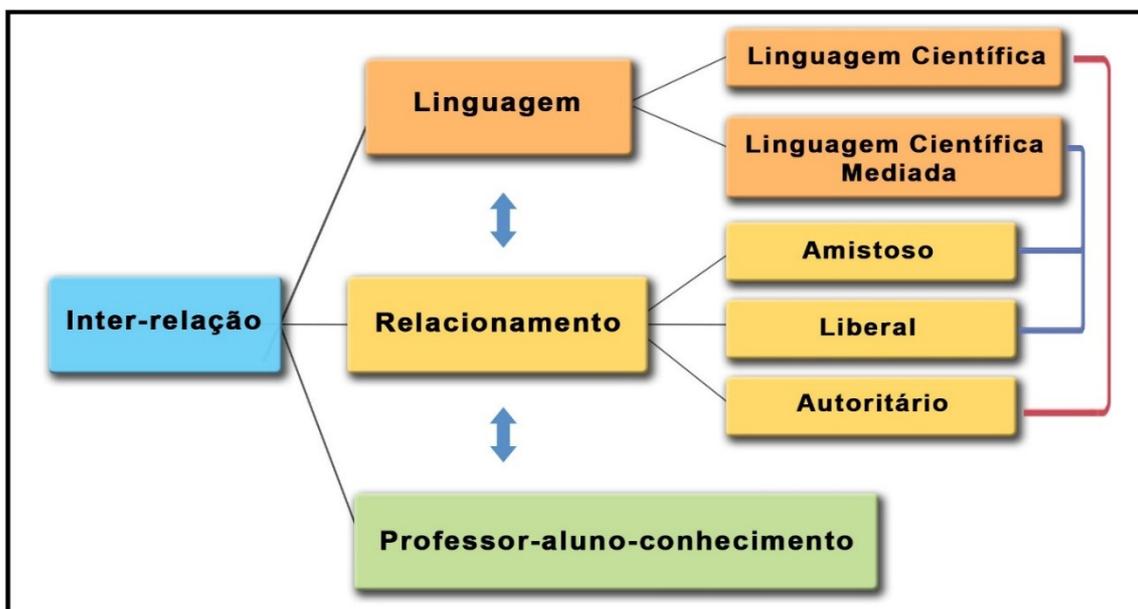


Figura 1: Quadro sistematizado do complexo -Inter-relação-. A dimensão Inter-relação aborda três eixos interligados e dinâmicos os quais são: Linguagem, Relacionamento e Professor-aluno-conhecimento. Tais eixos são seguidos por outros subtópicos que apresentam relações.

Embora a forma como está estruturada a figura 1 indique uma linearidade, gostaríamos de esclarecer que sabemos que existem aspectos muito mais complexos que permeiam a riqueza desse tema. Contudo apresentamos uma forma simples para dar visibilidade aos dados que dinamizaram este trabalho.

Eis que temos a temática - Inter-relação - sustentada por três eixos: Linguagem, Relacionamento e Professor-aluno-conhecimento. Estes eixos existem em correlações dinâmicas e não necessariamente lineares, ou hierárquicas, e se comunicam a todo tempo, entretanto podem surgir e terem atividade separada dos demais. Ao longo das análises nos referimos a estes eixos como faces da inter-relação.

Neste aspecto, a dinâmica e articulação dos eixos observam as complexas relações entre ensino e aprendizagem, indicando que a aprendizagem é um processo muito mais rico do que uma mera consequência das ações de ensino que a precedem. Nesse ponto citamos Colinvaux (2007), que através de referenciais sócio interacionistas, caracteriza a aprendizagem como um processo complexo e permanente, que envolve a produção/criação de novas significações e ocorre por caminhos diversos, tanto em sala de aula como em outros contextos sociais. De forma sistematizada, segundo a autora, podemos conceber a aprendizagem como um processo que é multifacetado, constituído por dimensões cognitiva, social, linguística e afetiva e, também, multideterminado, tendo implicados fatores de ordem social, institucional, curricular, do professor e do próprio aluno. Sendo ainda um processo que evolui por diferentes trajetórias, podendo se fazer de forma linear, passo-a-passo, ou por rupturas, revisões ou ampliações, e pode se dar em distintos e inusitados espaços e em diferentes instâncias de tempo, tempo uniformizado das tarefas escolares e o tempo da cognição de cada indivíduo.

Imaginamos as faces da inter-relação, propostas no esquema - Linguagem, Relacionamento, Professor-aluno-conhecimento - em comunicação permanente. Os enunciados dos professores e os exemplos que trouxeram a partir da entrevista revelaram diferentes aspectos concernentes a cada eixo, o que nos sugeriram a formatação dos subtópicos da figura 1. Entendemos que a alusão pelos professores a tais subtópicos nos permitiu a definição dos três eixos, que comentaremos a seguir.

O eixo da Linguagem demonstra que a inter-relação ocorre permanentemente através desta. Apresentamos os outros dois subtópicos: Linguagem Científica e Linguagem Científica Mediada que fazem menção à linguagem usada pelos professores nesse processo de inter-relação. Científica: quando enfatizada por termos mais técnicos, nomenclaturas específicas da própria ciência que a constitui, neste caso Ciências Biológicas para Ensino Médio e Ciências para Ensino Fundamental II. Linguagem Científica Mediada: quando promovida por palavras sinônimas, mas de conhecimento dos alunos ou que facilite os processos de familiarização e internalização dos respectivos termos, bem como seus conceitos.

Entendemos melhor esta perspectiva ao trazermos a fala da professora Tereza: *“Eu acho que o diálogo de ciências ele tem que ser dar de uma forma que o aluno consiga o que eu quero comunicar. Então eu procuro sempre falar de uma forma que eles vão entender, mas não significa que eu vou é sempre falar de uma maneira fácil e nunca trazer o conhecimento científico. Eu procuro fazer ligações, mas na hora que eu vou trazer uma coisa que eu percebo que eles não conhecem eu vou e fico exaustivamente apresentando aquele novo termo a eles”* (Grifos nossos). Percebemos a aproximação deste subtópico com a noção de transposição didática, já amplamente conhecida, o qual reconhece a importância dos aspectos de linguagem. A docente reconhece que a ciência tem uma linguagem própria e procura exercer uma mediação tornando-a acessível aos alunos. Aqui as noções de dialogia tecidas por Bakhtin se mostram férteis, apontando o trânsito entre as diferentes linguagens nas práticas sociais, no caso, no processo de produção de sentidos nas interações em sala de aula.

O eixo Relacionamento demonstra uma face da inter-relação ocorrida através das relações humanas entre professores e alunos, quando as características subjetivas interferem nos contatos interpessoais. Vemos três subtópicos: Amistoso, Liberal, Autoritário. Neste contexto o subtópico Amistoso reserva ao professor características pessoais como ser cortês, cordial, simpático, comunicativo, entre outros. Já o subtópico Liberal confere ao professor uma imparcialidade e maior tolerância perante alguns anseios e comportamentos de seus alunos como, por exemplo, o professor que não exige que sua turma fique em completo silêncio enquanto ele explica o assunto, permitindo diálogos paralelos com sua fala. Por último, o subtópico: Autoritário refere-se ao professor que apresenta uma forma de inter-relacionar com sua turma utilizando-se de comunicação impositiva, respaldada por posicionamento hierárquico. Trazemos fragmentos da fala do professor Felipe que exemplificam este eixo Relacionamento.

Felipe: *“Eu não sou professor autoritário que detém o poder [...]. Não sou um professor controlador [...], não proibo celular, essa não proibição essa liberdade, me dá tempo, me dá assim: ‘_Gente agora não é o momento de conversar, vamos falar sobre isso’. [...] Eu sou visto como um professor bastante leviano por outros professores [...] já tinha entendido que tinha uns alunos que não iam se relacionar comigo mas tinham alunos que estavam doidos para se relacionarem comigo, então eu mantenho contato ainda por Facebook com alguns alunos”* (Grifos nossos).

Percebemos na figura 1 linhas ligando alguns subtópicos, indicando uma correlação entre eles. Assim expomos nosso entendimento sobre elas. Subtópico

Científico, do eixo Linguagem, ligando com Autoritário, do eixo Relacionamento. Tal ligação constitui a interpretação de que quando o professor utiliza mais a linguagem e termos científicos de certa forma apresenta-se de uma maneira mais autoritária, via o discurso que utiliza. Seria o professor que prioriza os termos técnicos e as nomenclaturas durante suas explicações, não estando atento às necessárias mediações que viabilizariam um maior entendimento dos alunos acerca do conteúdo.

Já a linha que liga o subtópico Linguagem Científica Mediada do eixo Linguagem com os subtópicos Amistoso e Liberal, do eixo Relacionamento, indica que quando o professor utiliza uma linguagem mediada, ainda que não abra mão dos termos científicos, tende a uma inter-relação mais positiva por meio do eixo Relacionamento.

Cabe considerar ainda que os cinco subtópicos apresentados, relativos à Linguagem e Relacionamento, embora sugiram diferentes perfis para os professores, não os aprisionariam, fixando-os em apenas um deles, pois entendemos, obviamente, que ao longo de sua prática docente cotidiana podem transitar entre tais categorias, em função do que estiverem vivenciando em sala de aula e em termos pessoais.

Embora não subdividimos o terceiro eixo, Professor-aluno-conhecimento, o mesmo reúne conjunturas que entendemos como centrais para nossa investigação. Pois é esta face da inter-relação que indica que o fato de o professor conhecer o aluno influenciou seu aprendizado, pois fez com que o ensino se tornasse mais próximo de sua realidade, além de proporcionar formas didáticas que, de algum modo, contribuíram para a aprendizagem. Assim, conhecer o aluno, pode promover no *Ser Docente* do educador as inspirações, ampliando os *saberes necessários* à sua prática docente. (FREIRE, 2008). Para dar maior visibilidade a esse entendimento trazemos recortes de alguns enunciados, em que foi possível observar na fala dos professores tal ocorrido.

Beatriz: “[...] Já teve uma aluna que estava gestante, no primeiro ano, alguns anos atrás, eu no momento estava gestante também, e ‘ae’ a gente foi dar aula de sistema reprodutor juntas, [...]. Então, ao invés de falar dos métodos contracepcionais em aula de uma forma mais formal, falamos ali em uma situação concreta né? [...] E nós duas contribuímos com nossas próprias histórias falando das nossas próprias dificuldades, [...]. Então trouxemos as nossas histórias, então nos relacionando com eles, a aula foi muito mais produtiva do que uma aula tradicional no quadro.”

Felipe: “Eu descobri, na época do Pokémon Go, foi febre a turma inteira no lançamento só queria saber de Pokémon GO, [...]. Ok eu vou ter que baixar isso para entender o que é isso [...]. Então, qual era a minha aula da semana seguinte? Era quem

tinha Pokémon Go ia se reunir com quem não tinha com os dados da Internet, e nós iríamos ver onde existiam Pokémon. Onde existia Pokémon Go, ok, naquele lugar, que tipos de seres vivos existiam? [...], meu objetivo [era] fazer com que os alunos observassem, seres reais, induzidos por uma localidade virtual. Se eles fossem biólogos ao invés de caçadores de Pokémon, que espécies eles encontrariam ali? Então a gente voltava para sala de aula, e de alguma maneira eu utilizei o contexto [...] então a gente foi para as ruas catar Pokémon, só que nesse caso não era Pokémon, eram espécies”.

Tereza: “[...] acho que quando a gente ouve o aluno ou tenta saber um pouco do contexto dele, do que ele vive, favorece a gente fazer links, que vão chamar mais atenção dele, vou fazer ele [ter] talvez uma associação de pertencimento. [...] é perceber que aquele conhecimento faz algum sentido para vida dele em algum aspecto [...] estou falando tipos de solo, eu falo: *__Pô gente aqui em Maricá tem a Restinga de Maricá, vocês não conhecem? Tem que conhecer. ‘Ae’ volta e meia tem [um aluno que diz], ‘__Ah eu conheço!!’ Então como que é o solo lá na Restinga? Você já viu se fica poça de água? Esse solo então, porque escoar água?’* Tereza aproveita a realidade de os alunos morarem em Maricá, explorando a realidade geomorfológica presente na restinga do município em que moram. Devido aos diferentes tipos de granulações de solos nas regiões de restinga, estes tendem a não reterem água, desta forma a professora Tereza traz a realidade e exemplos que, estando próximos de seus alunos, contribuem para melhor assimilação, como a própria docente nos diz de assuntos como *tipos de solos*.

Outro exemplo da professora Tereza: “[...] *Ou então ali em Maricá, muita gente tem poço em casa e vou falar de infiltração da água no solo. Então, eles entendem do que eu estou falando, faz sentido, e também é tentar já trazer o conhecimento com algum: Por que que é importante você ter esse conhecimento na sua vida? Por exemplo, se você for impermeabilizar toda a superfície do solo, não vai ter infiltração da água, seu poço pode acabar secando né?’*”

Frisamos o eixo professor-aluno-conhecimento, reafirmando sobre a importância de o professor buscar conhecer a realidade dos alunos. Este pensamento pode ser resumido na frase da professora Tereza que retomamos parte a parte - *“em Maricá, muita gente tem poço em casa”* - a professora sabe da realidade de seus alunos e os vê de maneira ampla, ou seja, em suas casas, não só dentro da sala de aula - *“vou falar de infiltração da água no solo”* - ela anuncia o assunto de ciências que vai trabalhar, - *“Então, eles entendem do que que eu estou falando, faz sentido”* - a docente percebe que os alunos conseguem entender a relação de ter um *“poço em casa”* com o

assunto “*infiltração da água no solo*” e ainda enriquece o conhecimento, apontando o problema de se impermeabilizar toda a superfície do solo, pois assim não haveria a infiltração da água, tão importante para fazerem os poços das casas em sua região, como podemos perceber quando a professora Tereza diz: “*Por quê que é importante você ter esse conhecimento na sua vida? Por exemplo, se você for impermeabilizar toda a superfície do solo, não vai ter infiltração da água, seu poço pode acabar secando né?*” Também a partir da Psicologia podemos reafirmar que conhecer a realidade do aluno fornece subsídios para o trabalho do professor, pois esta pode ancorar novos conhecimentos, elucidar saberes e motivar atitudes, promovendo aprendizagem pois, segundo Ausubel, os processos de aprendizado de conceitos científicos ocorrerem a partir de conceitos previamente formados na vida cotidiana (POZO, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo significou mais do que esperávamos, fazendo com que pudéssemos compreender mais amplamente as inter-relações professores, alunos e conhecimento. As entrevistas mostraram a dinâmica do espaço escolar, sobretudo as inter-relações entre professores e alunos e a implicação destas na construção do conhecimento, demonstrando serem uma via de mão dupla, implicando tanto alunos como professores. Muitos dados levantados não foram tratados no estudo, podendo ainda suscitar novas análises e ampliar nossa reflexão e formação docente, pois, como nos ensinam Paulo Freire e Bakhtin, somos sujeitos inacabados e nosso conhecimento é sempre provisório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CHARLOT, B. A relação ao saber e à escola dos alunos dos bairros populares. In: AZEREDO, J. C.; GENTILI, P.; KRUAG, A e SIMON, C. (orgs). **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre, Editora da UFRGS/SMED, 2000.
- COLINVAUX, D. Aprendizagem e construção/constituição de conhecimento: reflexões teórico-metodológicas, **Pro-Posições**, v. 18, n.3(54), p. 29-44, set./dez. 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148 p.
- _____. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 25ª. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 80 p.
- FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio -histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T. A.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Orgs.). **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. SP: Cortez Editora, 2003. 112 p.
- GERALDI, J. W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In: FREIRAS, Maria Teresa de Assunção. (Org.) **Educação, Arte e Vida em Bakhtin**. Belo Horizonte – MG. Autêntica Editora, 2013. 109 p.
- POZO, J. I. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. Porto Alegre. Artmed, 2002. 284 p.